
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

FONTES LONGÍNQUAS QUE JORRAM, SOBRE ROGER BASTIDE E O CONCEITO DE MÍSTICA

Pablo Simpson (FFLCH-USP)
simpson.pablo@gmail.com

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo percorrer o conceito de mística e seus desdobramentos estético-religiosos na crítica literária de Roger Bastide, sobretudo nos estudos dedicados ao duplo estabelecimento de uma tradição de poesia africana e de sua incorporação à poesia brasileira, conforme permitem entrever os ensaios *A Poesia afro-brasileira* e *A Incorporação da poesia africana à poesia brasileira*. Nesse sentido, destacam-se as relações pretendidas entre poesia e música, tanto quanto as diversas oscilações entre as noções de sentimento, magia, religiosidade e moral, a partir do diálogo com Lucien Lévy-Bruhl e Henri Brémond.

PALAVRAS-CHAVE: Roger Bastide, mística, poesia brasileira, poesia africana.

Roger Bastide, antes de chegar ao Brasil em 1938, dedicou parte de seus estudos à compreensão do fenômeno estético-religioso. “Art et christianisme, classicisme protestant” e “Études d’esthétique protestant” são alguns dos títulos em que ao problema da religião somou o interesse pelas obras de arte e a literatura. Desse período datam dois ensaios sobre a poesia de Pierre Jean Jouve, poeta convertido ao catolicismo no início do século XX, “Expérience mystique et expérience poétique” e “Sueur de sang et l’unité de la pensée de Pierre Jean Jouve”, publicados respectivamente em 1934 e 1936 na revista *Cahiers du Sud*. Do mesmo período, “Les deux sources de la poésie”, incluído posteriormente em *Poetas do Brasil*, traria uma oposição entre poesia mágica, de caráter primitivo, e poesia mística, relacionada com o que chamaria de “formas elevadas de expressão”. São questões que se situam face à noção de mística que percorreu em *Les Problèmes de la vie mystique*, ou a preocupações de alcance etnográfico, nos livros *Le Candomblé de Bahia, rite Nagô et autres essais* e *Les Religions africaines au Brésil*, dentre tantos outros.

Roger Bastide foi também um dos principais interlocutores do modernismo paulista. Fernanda Peixoto investigou recentemente o seu contato com Mário de Andrade,

Gilberto Freyre e Florestan Fernandes (2000). Alguns dos temas caros aos modernistas, a paisagem, a cor local, os tipos nacionais, seriam retomados pelo sociólogo francês. Manifestam-se, por exemplo, em sua reflexão sobre o barroco e a obra do artista Aleijadinho, onde veria a criação de uma arte genuinamente nacional, em virtude de sua origem africana e portuguesa. Tal sincretismo modernista, como se sabe, evidencia uma mescla não apenas racial, mas também artística, ao pretender uma arte a um só tempo de vanguarda e popular, em diálogo com o folclore. Essa não é a perspectiva de Roger Bastide, que reconsidera a visão romântica do folclore como arte espontânea, ingênua e imaginativa.

Porém a perspectiva da fusão de raças é um dos componentes de sua crítica. Constitui o eixo central do livro *Brasil: terra de contrastes*, identificando ritmos diferentes na enorme geografia literária brasileira: o norte mais indianista e descritivo, o sul “mais subjetivo, mais desesperado, mais cheio de *humour* macabro”, lembrando a separação literária proposta por Sílvio Romero em sua *História da literatura brasileira*. Ritmos distintos no interior de cada cultura, estabelecidas a partir da imagem de um arquipélago, no ensaio fundamental “*Pensée obscure et confuse*”, ou do princípio da *coupure*, do corte, separando dois ou mais domínios em função dos diferentes modos de participação, por exemplo, dos negros face ao sincretismo católico-africano. E que evitariam, segundo Roberto Motta, toda fusão verdadeira do candomblé com a sociedade brasileira de herança católico-portuguesa.

Do convívio com a estética modernista e com algumas de suas preocupações sobre o estatuto de uma arte nacional, portanto, e como fruto de seu interesse pelas religiões afro-brasileiras, Roger Bastide produziu dois conjuntos de estudos sobre a nossa literatura: *A Poesia afro-brasileira* e *A Incorporação da poesia africana à poesia brasileira*. Servindo-se do conceito de participação de Lucien Levy-Bruhl, no sentido de compreender o sincretismo menos como mistura do que justaposição, viabilizando a permanência no tempo de valores africanos, identificou-os nas duas trajetórias que propôs para a relação entre poesia africana e poesia brasileira.

Assim, por um lado, em *A Poesia afro-brasileira*, percorre a produção de autores negros, partindo do pressuposto de uma expressão literária africana particular, baseado na crença numa psicologia diferencial entendida como “uma certa posição dentro da sociedade” (Bastide 1943: 18). Em *Incorporação da poesia africana à poesia brasileira*, por outro lado, vê a gradativa exploração por autores brancos de elementos como o ritmo, que caracterizaria como primordial na civilização africana em *Images du Nordeste mystique en noir et blanc*. Atento à diversidade de maneiras com que se dá o diálogo entre culturas, e que o permite chamar Gonçalves Dias de “poeta branco”, mostra nesses ensaios como a incorporação da cultura dominante é por vezes empreendida como modo de ascender socialmente ou preservar a cultura dominada (Peixoto 1999).

Tal abordagem etnográfica do fenômeno poético se constrói, entretanto, na proximidade com uma noção de mística posteriormente empregada na interpretação literária: arte que viria “das fontes longínquas que jorram do fundo da raça ou da mística” (Bastide 1943: 10). Ela seria capaz, junto com a religião, de uma “tomada de

consciência”. Antonio Candido, no prefácio a *Poetas do Brasil*, observou o interesse literário de Bastide a partir desse questionamento religioso. Está também na reunião de ensaios intitulada *Estudos sobre a poesia religiosa no Brasil*, dedicados a Augusto Frederico Schmidt e Jorge de Lima. Religião que, sem confundir-se com as instuições eclesiásticas ou em constante oscilação com um sagrado “instituinte” (Desroche 2006: 9), se multiplicaria noutros conceitos: sentimento, música, magia, mística.

MÍSTICA E POESIA

Em *A Poesia Afro-Brasileira*, Bastide filiou, desse modo, a trajetória da poesia feita por negros a seus estudos religiosos: “usando os processos que tínhamos empregado em nossos estudos anteriores para revelar a ação do complexo religioso, procuramos a influência do complexo africano ou afro-brasileiro”. Tratava-se, para o sociólogo, de revelar “as profundezas do eu (...), as flores noturnas do subconsciente, os demônios e os deuses ocultos” (1943: 8). Com a leitura de poemas de Luiz Gama, Gonçalves Crespo, Cruz e Sousa, dentre outros, identificou a presença de um elemento africano como afetividade ou sentimento. Semelhante à sua definição de religião, “antes de tudo, um sistema de sentimentos e representações coletivas” (1945: 12), encontrou nela o ponto de partida para a análise literária:

Há muito tempo, realmente, nos tínhamos surpreendido com a influência que a religião tem sobre o estilo dum escritor e sobre seus processos de composição. Um romancista ou um poeta pode ter renunciado a qualquer crença mística, julgar-se libertado do poder das igrejas, proclamar-se livre pensador. Não foi impunemente que ficaram para trás seus avós católicos, calvinistas, ou pais saídos das ruas estreitas dum “ghetto”. Não foi impunemente que suas mães, um dia, juntaram-lhe as mãos infantis, ou entoaram cânticos na sombra perfumada de um santuário. Fica sempre qualquer coisa. Não se mata os deuses. (1943: 7)

Roger Bastide veio ao Brasil para estudar as crises de possessão das populações afro-americanas. Poucos anos antes publicara o livro *Les Problèmes de la vie mystique*, voltado às estruturas e leis da experiência mística em Plotino, San Juan de la Cruz e Santa Teresa D’Ávila, e a uma dimensão de “problema” que tentará explorar no contato com as religiões africanas no livro *Le Rêve, le transe et la folie*. O misticismo se dividiria entre forma inferior e superior. No caso das religiões africanas, tais possessões postulariam menos a ascensão da alma até Deus, do que a descida dos deuses sobre seus “cavalos”. É nesse sentido que no capítulo intitulado “A técnica mística”, em *Les Problèmes de la vie mystique*, evidencia a trajetória de purificação da alma, de aniquilamento das paixões mundanas, de exclusão do mundo exterior “com todas as suas seduções, estéticas ou outras”, como modo de ascensão ao estado místico na tradição católica. A perspectiva de uma evolução do misticismo judaico-cristão se daria pela tentativa de canalizar o êxtase para uma doutrina do amor puro, humilde, desinteressado.

A multiplicação de dificuldades é inevitável: misticismo e pureza, desinteresse e estética, controle *versus* possessão. A experiência mística, para Bastide, é abrangente. Pode estar na intuição estética, na contemplação panteísta da natureza ou no êxtase filosófico, desde a exaltação natural mesclada com uma sensação de beatitude em Jean-Jacques Rousseau, na *Terceira carta a M. de Malesherbes*. Experiência cuja tradução em palavras, pela poesia ou texto filosófico, não seria senão “queda” com relação à unidade vivida, tanto mais sabendo “caducas” as formas nas quais o sentimento religioso “se amolda e expressa” (Bastide 2006: 70).

É possível pensar esse conceito de mística, no entanto, unicamente na perspectiva de sua utilização pela crítica literária de Bastide. No caminho de Henri Brémond, tão em voga nos anos 1920, para o qual haveria apenas uma diferença de grau entre a noção de mística e a de poesia, Bastide propõe a proximidade entre experiência religiosa e experiência poética. Na trama escrita estariam os rastros religiosos profundos da personalidade do poeta – lembro de certa dívida de Bastide, tanto quanto de Brémond, com relação ao eu profundo ou à noção de intuição em Bergson. A literatura torna-se o lugar onde se poderia surpreender o que existe dessa profundidade. Diferentemente da abordagem sociológica de Durkheim, a figura do escritor favoreceria a possibilidade de vislumbrar no indivíduo tal experiência. Bastide vai em busca, assim, de “sentimentos reprimidos que deixaram rastros”, sobretudo nos poetas negros de *A Poesia afro-brasileira*, sentimentos manifestos na dificuldade de sua expressão.

Descobre-os à medida em que os vincula a um pertencimento mais amplo: profundo e social. Trata-se de uma oscilação complexa entre misticismo como “revanche do indivíduo” e um outro, marcado pela pertença social do escritor, respondendo à sugestão de Maurice Halbwachs de estudar as condições sociais do misticismo. Nesse sentido, indica como fenômenos de possessão, no caso das populações afro-brasileiras, em vez de enfermidades mentais, seriam normais, regulados e organizados pelos grupos sociais, além de índices de sua dificuldade de integração à sociedade. Observa-lhes os fios mais visíveis entre a dimensão do sonho e aspectos da vigília. Ou a possibilidade, através da religião, de restituir-se o face a face que as cidades grandes destruíram, numa modernidade definida, contraditoriamente, pelo aumento das relações entre indivíduos no ensaio “Modernité et contre-modernité”.

Foi esse fundo de si que é, concomitantemente, a religião e a raça, que observou no poeta simbolista Cruz e Sousa, purificado pela poesia, ainda que incapaz do alcance de uma unidade verdadeiramente transcendente, como em Baudelaire, porque não haveria uma conquista completa da vontade moral, nem uma ascensão à “inteligência divina”:

A sensibilidade de Cruz e Souza, pelo contrário, não é católica. A fé religiosa, para ele, será uma conquista da vontade e nunca uma conquista completa. Nele haverá animismo, crença na sobrevivência dos mortos, previsão do outro mundo e misticismo do mundo das puras essências, mas nunca chegaremos até a inteligência divina que as envolve na sua unidade transcendente. Eis porque

os temas baudelairianos tomam para ele outro sentido, porque o amor de uma negra não quer dizer desejo de se perder na luxúria para afogar os gritos da consciência – mas se torna uma passagem do preto ao branco; porque a cabeleira não é um convite à partida, à fuga que leva o católico às terras primitivas, a uma oceania de Gaugin, onde o pecado original é desconhecido – mas o perfume de tranças desnastradas não passa dum incenso místico que sobe até sua alma. (1943a: 106)

Poeta, nesse sentido, que “pensa a noite como africano”, tema místico que não seria a mística noturna de San Juan de la Cruz. Não a morte dos sentidos, mas uma espécie de fusão com a natureza repleta de fenômenos obscuros, penetrados por uma “visão mágica do mundo”. E cuja nebulosidade não seria, igualmente, o inteligível de Mallarmé, contra o qual opôs também Pierre Jean Jouve. Ambos poetas de sombra e claridade: em Jouve, Anjo da Morte versus Anjo da Anunciação; em Cruz e Souza, “beleza única, pois que é acariciada pela asa da noite, e todavia, lampeja com todas as cintilações do diamante” (1943a: 128).

Cruz e Sousa estaria do lado do misticismo cristão, expressão de um drama que Roger Bastide percorreu no ensaio *O lugar de Cruz e Sousa no movimento simbolista*. Drama complexo, cuja história se desdobraria em *A Poesia afro-brasileira: da renegação/recalque da condição negra em Gonçalves Dias e no romantismo em geral e sua “satisfação da igualdade racial”* – idealização do sofrimento para além do sofrimento racial e de classe – à possibilidade de mesclar as palavras mágicas da África e dos portugueses. História que se poderia sobrepor à narrativa da incorporação da poesia africana à brasileira: da evolução da representação do negro, num trecho em que Bastide somaria ao caminho mimético a noção de “poesia pura”, cheia de evocações – a Mallarmé, a Paul Valéry, a Henri Brémond:

Temos primeiramente o período da rejeição, ou da sátira, depois o desejo de comunhão, do impulso sentimental, mas que permanece uma tendência puramente pessoal que não sai do “eu” do poeta para alcançar a intuição compreensiva de um ser que, no fundo, é sempre uma situação social, poesia menos lírica que dramática, considerada por um estranho; temos depois a poesia do canto da escravidão, e finalmente a descrição de um certo comportamento exterior, a descoberta de uma certa originalidade, mas uma originalidade que não ultrapassa o domínio dos gestos./ Numa palavra, o africano é sempre um “objeto” poético, um tema lírico; quando começa o século XX, ele ainda não se tornou poesia pura e lirismo essencial. (1997: 146)

São dois eixos históricos: o primeiro deles, da possibilidade de ascensão literária e social do negro, que Bastide constata mais na literatura do que na vida social, na mística/lírica de Cruz e Souza; o segundo, do término da transfusão de “sangue do homem de cor” nas “veias da poesia do Brasil”, expresso nessa África como afetividade. Discurso historiográfico e proximidade com a crítica literária brasileira, de Sílvio Romero e Mário de Andrade, que lhe permitem a retomada de conceitos, como o de

folclore, que passariam a permear a sua crítica. É também um discurso capaz de estabelecer vínculos e caminhos, e que não espelha, com isso, as “defasagens maximais de temporalidade” que Bastide observou em todos os grupos de nossa sociedade (2006: 115).

MÍSTICA E MENTALIDADE PRIMITIVA EM LÉVY-BRUHL

Roger Bastide legitima a mística e sua relação com a poesia a partir da “abertura a novas experiências, a novos modos de viver e de pensar”, característica do homem moderno (1973: 211). É o que observa no interesse dos autores de vanguarda pelas teorias de Lucien Lévy-Bruhl, autor de *Les Fonctions mentales dans les sociétés inférieures*, para o qual o comportamento primitivo, rituais mágico-religiosos ou representações coletivas não nasceriam da necessidade de uma explicação racional. Segundo ele, as diversas sociedades teriam estruturas “profundamente diferentes umas das outras, e por conseqüência, diferentes correspondentes nas funções mentais superiores” (1947: 21). Para diferenciá-las, serve-se do conceito de mística. As representações coletivas dos primitivos não comportariam elementos lógicos, mas “uma influência, uma virtude, um poder oculto, variável e segundo os objetos e circunstâncias, mas sempre real para o primitivo”:

Para designar com uma palavra essa propriedade geral das representações coletivas que ocupam um lugar tão importante na atividade mental das sociedades inferiores, direi que essa atividade mental é *mística*. Empregarei esse termo, por não ter um melhor, não por alusão ao misticismo religioso de nossas sociedades, que é algo bastante diferente, mas no sentido estreito onde “mística” quer dizer a crença em forças, em influências, em ações imperceptíveis a nossos sentidos, e no entanto reais. (Lévy-Bruhl 1910: 30)

A partir daí, Lévy-Bruhl definiria o conceito de participação, princípio da mentalidade primitiva que regularia as relações entre os fenômenos. Chamado inicialmente de pré-lógico, estaria na origem de práticas mágicas ou religiosas “que derivam dessas representações” (Lévy-Bruhl 1947: 69).

Roger Bastide, no ensaio “Le principe de coupure et le comportement afro-brésilien”, contestou algumas das posições de Lévy-Bruhl na tentativa de fazê-lo dialogar com Émile Durkheim. Se anteriormente, no livro *Éléments de sociologie religieuse*, havia trabalhado com a oposição entre causalidade mística e causalidade natural, mostra desta vez como o afro-brasileiro pensaria através de categorias civilizadas e que as participações místicas surgiriam apenas no interior de algumas dessas categorias. É quando formula o princípio da *coupure*, estabelecido a partir da possibilidade de trocar entre uma e outra categoria, ou de mudar do mundo profano ao religioso. Conceito chave, que relativizaria os diversos modos de marginalidade ou de sincretismo, e que evitaria estender o domínio da mentalidade místico-primitiva, como em Lévy-Bruhl, a todos os âmbitos da etnografia.

MÚSICA, RITMO E NOVA LINGUAGEM

De todo modo, são reflexões de Lévy-Bruhl que Mário de Andrade transportaria para *Macunaíma*, tanto quanto para a pesquisa poética e teoria do verso, imaginando numa espécie de libertação rítmica o rompimento com o que identificou freqüentemente como lógica/retórica. Bastide levará a mesma interpretação à poesia afro-brasileira, fundindo elementos etnográficos e teoria musical. O verso livre se tornaria “o ritmo liberado da rima, da assonância e da monotonia das cesuras iguais” (1997: 38). Ritmo que identificaria na poesia de Mário de Andrade, nos *Poemas negros* de Jorge de Lima ou na “Toada do negro do banzo” de Murilo Araújo:

Chegamos ao momento da incorporação verdadeira, o momento da África pura./ Ora, se como já dissemos, a África é o ritmo, essa nova poesia vai dançar, girar, deslocar-se segundo ritmos antes desconhecidos. Ao órgão dos românticos, à flauta dos simbolistas, os modernos juntam novos instrumentos que enriquecem singularmente a música dos versos, o tambor antes de tudo. (Bastide 1997: 53)

O misticismo deixa de ser apenas reflexo das condições sociais ou tradução social do religioso, para tornar-se ato criador de novas formas de sociabilidade. É memória, mas também inovação: “descoberta de uma língua nova da Fé, uma vez que a língua tradicional não cola na experiência individual, e é preciso imaginar uma outra, e recorrer finalmente ao método da poesia” (2003a: 43).

A descoberta da nova língua e de novos modos de representação está na base da relação entre mística e música. Em caminho oposto, a poesia tenderia à oração, lembrando-nos de sua ação transformadora e da realidade misteriosa que visaria. Poesia e prece, como em Brémond, ambas dadas por um sentido de vazio, de uma falta ontológica e da necessidade de preenchê-lo, restabelecendo as forças desequilibradas, como observou Bastide na relação entre oração individual e oração coletiva (2006: 162).

A música e a nova linguagem seriam, portanto, modos privilegiados de manifestação da mística. Música que se insinuaria na poesia de Jorge de Lima, no desejo de criação de uma língua sagrada através da “transposição dos sentidos” (1997: 127-129). Também do transe, sob o signo de um certo abandono à desordem, na contramão dos esforços de compreensão das diversas regulações dos cultos africanos, para Claude Ravelet. Em Bastide, ela “nos liberta do corpo para fazer-nos viver num mundo ideal, livra a nossa alma das contingências temporais e físicas para transportá-la, nas asas do som, ao puro domínio do sentimento e da religiosidade” (1943: 131). Traz-nos, todavia, também “o sabor carnal das coisas”: legitimação da arte, em Bastide, sob a perspectiva, desde seus primeiros estudos, da encarnação e da forma.

Daí o interesse por uma língua sagrada em Jorge de Lima, porque criadora de novos símbolos: na imagem da fecundação de tantos poemas. Encontra-se face a um duplo processo de depuração de Jorge de Lima, em seus poemas negros e católicos:

da incorporação do ritmo africano à sua poesia, tanto quanto da utilização poética do versículo bíblico: “apelo à aventura mística para quem a lê; a poesia se transforma em catequização” (Bastide 1997: 132).

MÍSTICA E MORAL

No ensaio “Littérature et protestantisme”, Bastide afirmou a impossibilidade de separar misticismo de moralismo. Convoca mais uma vez Henri Brémond e sua *Histoire littéraire du sentiment religieux en France*, para dizer que as escolas onde a vida mística foi mais forte foram “as que pregavam um moralismo” (1923: 25). Como Louis Bouyer, para o qual a mística de San Juan de la Cruz “não consiste de modo algum nos êxtases, visões, e outros fenômenos psicológicos extraordinários” (1990: 456), é possível lembrar, com Bastide, do esforço católico em circunscrever o êxtase místico. Tal esforço reencena o que discerniu em Henri Hubert e Marcel Mauss, na oposição entre religião e magia: a primeira delas indo em direção à adoração das divindades, rejeitando cada vez mais as forças místicas impessoais; a segunda, conservando o emprego do encantamento (1947: 35). É a mesma duplicidade que irá percorrer no ensaio “Les deux sources de la poésie”, avisando-nos dos riscos de uma poesia religiosa levada pela “tentação da feitiçaria” (1997: 140).

Não cabe aqui desdobrar os diversos conflitos entre as noções de mística e moral, parcialmente recobertas no início da produção de Roger Bastide. Henri Bergson as abordaria em *Les Deux sources de la morale et de la religion*, ao vislumbrar no caráter imediato da experiência mística a confiança que seria a chave para a ação religiosa: “seguros de si, porque sentem algo de melhor em si mesmos, revelam-se grandes homens de ação, para surpresa daqueles para os quais o misticismo é apenas visão, transporte, êxtase” (1932: 106). São conflitos que Astrid Reuter divisou nos primeiros estudos de Bastide dedicados à defesa de uma estética protestante, embora sem que subsumisse a noção de mística às narrativas freqüentes do catolicismo: a perda e o reencontro de si, o não-eu versus o eu íntegro.

É possível, no entanto, percorrê-las em alguns momentos de sua crítica: no encontro de uma África verdadeira, essencial. Percorrê-las em autores como Luiz Gama, primeiro a tomar consciência dessa África, favorecendo as condições de existência de uma poesia afro-brasileira, através do reencontro com uma consciência africana. Corresponde menos a um moralismo em sentido estreito, do que a uma busca empenhada, por vezes ascese, contra artificialismos e exotismos, termos carregados de “perversões” em Bastide. Ascetismo como “luta moral”, cujo resultado será despojamento, na trajetória dessa lírica essencial africana, porque sem as máscaras da sátira e as distâncias do idealismo romântico e católico. Caminho de uma sinceridade individual que é, igualmente, proposição de uma possível justaposição comunitária. Nesse sentido, o sincretismo assumido não impossibilita ao crítico encontrar os índices de resistência, por vezes inconsciente, à assimilação. Exprimem uma dimensão da mística como refúgio, do candomblé como “antiga solidariedade tribal” (1945: 26).

Do lado da poesia “branca”, é também abertura ética ao outro. Requer a pesquisa das formas e dessa outra língua, trazendo para a lírica as sílabas noturnas “em gom e em ga”, os “ruídos surdos do sangue das artérias” (1997: 54). Movimento que arrasta o “eu” a outras realidades. É também consentimento, compreensão. Corresponde a uma mística para além da oposição entre domínio sobrenatural e natural: “disposição para sair de dentro de nós mesmos, para nos comunicar misticamente com aquilo que nos cerca em quase todas as manifestações da atividade humana” (Bastide 2006: 14). É ela que afirma, em Bastide, o compromisso para com Deus e o outro.

OBRAS CITADAS

- BASTIDE, Roger. 1947. *Eléments de sociologie religieuse*. Paris: Colin.
- . 1943a. *A Poesia Afro-Brasileira*. São Paulo: Martins.
- . 1943b. *O lugar de Cruz e Sousa no movimento simbolista*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado.
- . 1948. *Les problèmes de la vie mystique*. Paris: Colin.
- . 1959. *Brésil, terre des contrastes*. Paris: Hachette.
- . 1973. “Modernité et contre-modernité”. Conférence, Alliance Française, São Paulo, 13 p.; republicado in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (São Paulo) 20 (1978): 13- 25; republicado in *Bastidiana* 47-48 (juil.-déc. 2004): 207-223
- . 1978. *Images du Nordeste mystique en noir et blanc*. Paris: Pandora/Des Sociétés.
- . 1993. “Le principe de coupure et le comportement afro-brésilien” (1955). *Anais do 31º Congresso internacional de americanistas* (São Paulo) 1: 493-503; republicado in *Bastidiana* 4 (oct.-déc.): 75-83.
- . 1994. “La pensée obscure et confuse” (1965). *Le Monde Non-Chrétien* (Paris) 75-76: 137-156 ; republicado in *Bastidiana*, nº 7-8 (juil.-déc.): 123-136.
- . 1995. “Expérience mystique et expérience poétique (à propos de P-J. Jouve).” *Cahiers du Sud* (Marseille) 160 (1934): 219-223 ; republicado in *Bastidiana* 10-11 (avril-sept.): 49-53.
- . 1995. “Structures sociales et religions afro-brésiliennes”(1945). *Renaissance* (New York) 2/3: 12-29, republicado em *Bastidiana* 12 (oct.-déc.): 101-104.
- . 1995. “Sueur de sang et l’unité de P-J. Jouve.” *Cahiers du Sud* (Marseille) 182 (1936): 293-299 ; republicado in *Bastidiana* 10-11 (avril-sept): 55-60.
- . 1996. “Pintura e mística.” *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo) 5. 50 (sept. 1938): 47-60; republicado in *Bastidiana* nº 15-16, juil.- déc.): 41-54.
- . 1997. *Poetas do Brasil*. Prefácio de Antonio Candido, organização e notas de Augusto Massi, Edusp/ Duas Cidades: São Paulo.

- . 1999. “Etudes d’esthétique protestante” (1922). *Revue du Christianisme Social* 9: 774-780; republicado in *Bastidiana* 25-26 (janv.-juin): 15-20.
- . 1999. “Littérature et protestantisme” (1929). *Revue du Christianisme Social* 7: 933-950; republicado in *Bastidiana* 25-26 (janv.-juin): 21-38.
- . 1999. “Mysticisme et protestantisme” (1931). *Revue du Christianisme Social* 5: 64-67; republicado in *Bastidiana* 25-26 (janv.-juin): 11-14.
- . 2003a. “Jalons pour une sociologie des phénomènes mystiques” (1970). *Médecine de l’Homme* (Paris) 28: 18-21; republicado in *Bastidiana* 43-44 (juil.-déc.): 85-93.
- . 2003b. *Le Rêve, la transe et la folie*. Paris: Flammarion.
- . 2006. *O Sagrado selvagem e outros ensaios*. Tradução de Dorothee de Bruchard; prefácio de Henri Desroche. São Paulo: Companhia das Letras.
- BERGSON, Henri. 1948. *Les Deux sources de la morale et de la religion*. Paris: PUF (ed. original de 1932).
- BOUYER, Louis. 1990. *Diccionario de Teología*. Tradução de Francisco Martínez. Barcelona: Herder.
- BRÉMOND, Henri. 1926. *La Poésie pure avec un Débat sur la poésie, par Rober de Souza*. Grasset: Paris.
- . 2006. *Histoire littéraire du sentiment religieux en France depuis la fin des guerres de religion jusqu’à nos jours*, sous la direction de François Trémolières, vol. 1 – Tome 1: L’Humanisme dévot; Tome 2: L’Invasion mystique; Annexe: L’Échelle mystique (inédit); Tome 3: La Conquête mystique. L’École française; Annexe: Les Singularités de M. Olier (inédit). Grenoble: Jérôme Millon.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. 1910. *Les Fonctions mentales dans les sociétés inférieures*. Paris: PUF, 1947.
- MOTTA, Roberto. 2002. “Préface.” Roger Bastide. *Poètes et dieux: études afro-brésiliens*. Tradução de Luiz Ferraz. Paris: L’Harmattan.
- PEIXOTO, Fernanda. 2000. *Diálogos brasileiros, uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp.
- . 1999. “Diálogo “interessantíssimo”: Roger Bastide e o modernismo” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (São Paulo) 14.40 (jun).
- REUTER, Astrid. 1999. “Entre mysticisme et moralisme. Roger Bastide à la recherche d’une esthétique protestante.” *Bastidiana* 25-26 (janv-juin): 153-165.
- . 2005. “Les années d’apprentissage de Roger Bastide.” *Bastidiana* 51-52 (juil.-déc.): 13-32.

FAR SOURCES THAT SPRING: ON ROGER BASTIDE AND THE CONCEPT OF MYSTIQUE

ABSTRACT: This essay deals with the concept of mysticism and its aesthetic and religious developments in Roger Bastide's literary criticism, especially in studies devoted to the establishment of a dual tradition of African poetry and its incorporation into the Brazilian poetry as we may see in *A Poesia afro-brasileira* and *A Incorporação da poesia africana à poesia brasileira*. In this way, we highlight the relationship between poetry and music, as much as several oscillations between the notions of mysticism, sentiment, magic, religion and morals in dialogue with Lucien Lévy-Bruhl and Henri Brémond.

KEYWORDS: Roger Bastide, mysticism, Brazilian poetry, African poetry.

Recebido em 12 de outubro de 2009; aprovado em 30 de dezembro de 2009.